

O publicano e o fariseu

Lucas 18:9-14

Introdução: o modo como nos vemos diante de Deus é muito importante, pois, a nossa autopercepção na presença do Pai, determinará a qualidade do nosso relacionamento com Ele. Podemos nos iludir se não mantivermos uma relação honesta com o Poderoso Deus. Podemos achar que tudo vai bem segundo a nossa avaliação, mas sermos surpreendidos quando descobrimos como estamos aos olhos de Deus.

Nesta meditação, veremos alguns pontos de uma parábola proposta por Jesus, onde um publicano e um fariseu subiram ao templo para orar. O modo como cada um se apresentou diante de Deus nos ensina o que realmente tem valor para o Senhor. Vejamos, então, o que podemos extrair para a nossa edificação.

Não podemos nos avaliar nos comparando aos outros – em primeiro lugar, o verso 11 diz que o fariseu dava graças a Deus por não ser como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como aquele publicano que também estava no templo para a oração. A parábola nos mostra que não podemos nos avaliar comparando a nossa vida com a dos outros.

Sempre haverá alguém com a carnalidade em evidência para nos fazer sentir as pessoas mais santas do mundo. Não é raro que nos tornemos até impiedosos com aqueles que aparentemente não alcançaram frutos como os que temos em nossa vida cristã. Entretanto, essa é uma ótica distorcida e enganosa, que só aumenta o peso das nossas transgressões.

O mesmo verso 11 diz que “o fariseu orava de si para si mesmo”. Esta afirmação sugere algumas ideias. O ego do fariseu era enorme. Ele parecia sentir-se o centro do Universo. Tudo o que tinha a expressar diante de Deus eram suas aparentes qualidades e supostos direitos. Ao abrir a boca ele falava de si. Mais interessante é a denúncia de que ele orava (falava) de si para si mesmo. Sua comunicação não atingia o coração de Deus, não chegava ao céu por estar carregada de orgulho. Apenas reverberava sobre sua própria alma, inchando-o ainda mais.

Devemos considerar a referência que estamos usando – em segundo lugar, veja o que diz o verso 13: *“O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!”* Repare como as posturas dos dois eram diametralmente opostas. Qual grande diferença entre esses dois homens? A perspectiva pela qual eles se mediam. Um, erroneamente, comparava-se aos homens; o outro, acertadamente, contrastava-se com Deus. Isso o levava a assumir a condição de

pecador e a humilhar-se diante d'Ele, clamando por misericórdia, único argumento que realmente pode nos manter em pé diante do Senhor.

As obras de justiça não podem fazer sombra no coração – em terceiro lugar, o engano do fariseu se fortalecia no fato dele apresentar suas ações como prova de santidade. Ele gabava-se, dizendo: “jejua duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho” (12). Ou seja, suas obras de justiça faziam sombra em seu coração escondendo pecados mais sutis, mas tão destrutivos quanto os que ele denunciava nos outros. O problema está em permitirmos que essas obras de justiça que já temos façam sombra em nosso coração, nos impedindo de ver o que ainda não vimos.

Temos que saber lidar com as conquistas – em quarto lugar, percebemos que o fariseu já havia vencido em algumas áreas, e se gabava das suas conquistas. Muitas vezes, somos enganados pela própria alma, ficamos eufóricos com o que conquistamos e saímos debaixo da graça de Deus. Portanto, o processo exigirá um permanente quebrantamento e arrependimento diante do Senhor, pois até o que não enxergamos, Ele vê.

Quanto mais nos aproximarmos do Deus Santíssimo, mais profundamente sua luz nos sondará – em quinto lugar, compreendemos que se realmente estamos nos aproximando de Deus, certamente os nossos pecados serão denunciados. Quando não encontramos carnalidade em nossa vida, provavelmente isso seja mais resultado da falta de luz do que da ausência de erros. Eles estarão lá. Só não fomos iluminados suficientemente para percebê-los.

Sentir-me decepcionado comigo mesmo pode me conduzir ao caminho que me leva à presença de Deus – em sexto lugar, pode parecer estranho para alguns, mas a santidade em nossas vidas só é possível pelas vias de um constante arrependimento e isso é real apenas quando sentimos vergonha de nós mesmos. De uma forma geral, imaginamos que os homens santos são aqueles que vivem em paz, descansados em sua impecabilidade. No entanto, a ausência de conflitos internos costuma ser mais sinal de uma estagnação ou mesmo de um recuo em nosso relacionamento com o Senhor do que da ausência de erros a corrigir.

Conclusão: aqui está a grande chave. Um arrependimento constante. Há muitas coisas em nós que, investigados à luz de Deus, serão denunciadas como pecados. Sentimentos, motivações, pensamentos, reações, hábitos, falta de sensibilidade, grosserias e tantas outras coisas que estão fora da vontade do Pai. Podemos não percebê-las, mas o brilho da presença de Deus traz o confronto, e, quem sabe, decepcionados e envergonhados, encontraremos o caminho para descer justificados à nossa casa.

